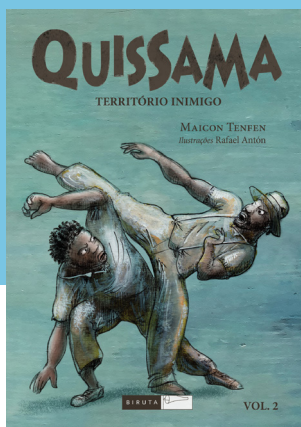


SUGESTÕES

DE ATIVIDADES

Adaptação de roteiro de Adriano Messias

Em consonância com a BNCC



Quissama – Território Inimigo

Maicon Tenfen

Ilustrações Rafa Antón

ISBN 978-85-7848-227-5

14 x 21 cm | 368 páginas

CARO(A)

PROFESSOR(A),

As atividades presentes neste roteiro de leitura são apenas sugestões e não devem limitar a potencialidade de trabalho e nem a criatividade do(a) professor(a) em sala de aula. Você poderá adaptá-las à realidade de sua escola e de sua turma, bem como à faixa etária de seus(suas) alunos(as), podendo criar outras atividades que julgue mais adequadas. Lembre-se que as atividades devem priorizar aspectos reflexivos, despertando nos alunos, assim, o desejo de mais e mais descobertas a partir dos livros.

APRESENTAÇÃO ::

Quissama – Território inimigo é um romance que gira em torno de supostos manuscritos do personagem Daniel Woodruff (1832-1910), que teriam sido traduzidos e adaptados pelo autor, Maicon Tenfen, aos leitores de nosso tempo.

Em termos de contextualização histórica, o enredo se passa durante episódios já finais da Guerra do Paraguai, travada entre aquela nação e a chamada Tríplice Aliança – composta por Brasil, Argentina e Uruguai.

Vitorino Quissama, com a ajuda de Woodruff e de um delegado, obteve uma falsa carta de alforria para poder deixar o país e viajar de barco ao Uruguai, de lá penetrando no território em litígio. Enquanto o inglês se dedica à proteção de duas crianças indígenas perseguidas por contrabandistas italianos, Vitorino se vê forçado a entrar para o Exército Imperial de Sua Majestade, D. Pedro II. Lá, ele descobre que a rixa entre dois grupos capoeiristas, os nagoas e os guaiamuns, não acontece apenas no Rio de Janeiro, mas dentro das próprias forças armadas brasileiras. Na obra, Daniel Woodruff é o narrador dos dramas que ele próprio presencia em sua trajetória rumo à linha de fogo.

Os protagonistas Woodruff e Vitorino viajam ao Paraguai na esperança de encontrarem Bernardina. Porém, mal sabiam o que lhes esperava, já que acabaram por presenciar os momentos mais dramáticos daquela guerra.

Em termos de contextualização histórica, o enredo se passa durante episódios já finais da Guerra do Paraguai, travada entre aquela nação e a chamada Tríplice Aliança – composta por Brasil, Argentina e Uruguai.

As ilustrações têm um estilo que dialoga com a tradição

dos croquis e dos esboços de desenhos, ao mesmo tempo em que a leveza dos traços oferece agilidade e dramaticidade às ações. A opção de colocar uma legenda explicativa sob cada ilustração é um recurso que homenageia os livros juvenis da década de 1980.

Quissama - Território inimigo tem um aspecto de originalidade ao propor a visão de um protagonista inglês sobre a Guerra do Paraguai. Daniel imprime sua opinião pessoal sobre os acontecimentos históricos, ainda que seu maior interesse estivesse relacionado aos dramas humanos em torno das figuras que encontrava pelo caminho.

É um romance juvenil, em um estilo de prosa fluida e permeada por diálogos e descrições que se mesclam a questões de ordem histórica e social. Os capítulos não são longos, o que realça as características de uma narrativa de peripécias e aventuras. O autor utiliza técnicas literárias de interrupção, digressão e intermediação em determinadas partes da narrativa, o que confere suspense a ela. Assim, o autor emprega estratégias de interrupção da linearidade narrativa justo quando há um elemento que aciona uma tensão e deixa o leitor em suspenso.



PRÉ-LEITURA ::

Antes de estimular os alunos a lerem a obra, permita que eles façam uma breve contextualização sobre a Guerra do Paraguai e outros temas que você reconheça como pertinentes à narrativa: por exemplo, a vida no Brasil durante a segunda metade do século XIX, a presença da capoeira como arte e dança genuína dos negros, as questões em torno da escravidão, o lugar da mulher na sociedade e a presença dos famosos grupos dos capoeiras que rivaliza-

vam no Rio de Janeiro do século XIX.

Alguns aspectos sobre a Guerra do Paraguai podem ser salientados com seus alunos. A seguir, alguns tópicos para você abordar:

- tratou-se do maior conflito da história da América do Sul e ocorreu de 1864 a 1870, mobilizando Brasil, Argentina e Uruguai, que se aliaram contra o Paraguai;
- os motivos principais foram interesses políticos, territoriais e econômicos na bacia Platina;
- essa guerra já foi analisada por três vieses historiográficos diferentes: o tradicional (até os anos de 1960), o revisionista (dos anos de 1960 até 1990) e o pós-revisionista (também chamado de nova historiografia, e que se deu a partir dos anos de 1990, destacando-se aí historiadores como Juan Carlos Herken Krauer, Maria Isabel Gimenez de Herken, Ricardo Henrique Salles e Francisco Doratioto).

Na terceira perspectiva, ficou evidente, mediante documentações, que as causas do conflito não foram influências externas (como a da Inglaterra, por exemplo), tampouco simples ambição megalomaniaca de um único homem, o ditador Solano López, mas, sim, a conjunção de uma série de fatores históricos, políticos e geográficos ligados à formação dos quatro países como Estados-nações.



LEITURA ::

A leitura do livro tem sua densidade e, para isso, os alunos devem ficar algumas semanas com a obra para que possam não apenas lê-la, mas também se inteirar do contexto histórico circunscrito ao enredo. Uma estratégia para

incentivá-los a ler é apresentar alguns elementos presentes na narrativa, mas sem proporcionar nenhum *spoiler*. Por exemplo: comente sobre a atuação das vivandeiras nas tropas em guerra e diga alguma coisa sobre a mãe de Quissama, Bernardina. Você também pode escolher o lado religioso das culturas africanas no Brasil e citar os orixás, que, de certa forma, participam metaforicamente daqui e dali na narrativa. Pode ainda explicar como era difícil se deslocar pelas terras sul-americanas sem estradas e sem os devidos meios de transporte. Neste caso, explique como eram realizadas as viagens naquela época e como os estrangeiros, principalmente estudiosos e pesquisadores franceses e ingleses, entendiam nosso país, para eles cheio de “exotismos”. Também não podemos nos esquecer das lutas de capoeira, que representavam tanto afirmações identitárias quanto delimitação de territórios geográficos e ideológicos.

Esses elementos podem ser inseridos em encontros e aulas durante o período em que os alunos estiverem lendo o livro. Assim, você também sentirá como está sendo a recepção da obra e de que maneira os estudantes estão se envolvendo com a história.



PÓS-LEITURA ::

Todo possível momento de pós-leitura de um livro deve se voltar ao exercício da capacidade crítica, expressiva e avaliativa dos alunos. Pense em estabelecer previamente alguns critérios que os estudantes devem analisar ao lerem a obra, mas, ao mesmo tempo, fuja de algo muito didático. A leitura literária deve ser um momento de fruição e, se os adolescentes forem fazê-la pensando em uma prova ou exame, não será tão prazerosa.

Revise com a turma termos e expressões específicos para a argumentação literária: “no aspecto da narrativa, o que me chamou a atenção foi...”, “quanto ao estilo do autor, eu acredito que...”, “em termos de romance histórico, esse livro me atraiu porque...”.

Você também pode colocar o lúdico na atividade. Exemplos:

- a. pense em transformar a aula em um telejornal em que cada qual lerá a própria opinião como se fosse uma pequena notícia;
- b. transforme tudo em um jogo em que a sala estará dividida em duas partes: os que estabelecerão os comentários sobre o livro do ponto de vista do jovem brasileiro Quissama e os que pensarão como o inglês viajante Daniel;
- c. uma terceira ideia é explicar com antecedência que cada qual deverá eleger um personagem e, assumindo a voz dele, como se fosse um personagem teatral, deverá dizer o que pensa sobre a narrativa. Para evitar que muitos escolham o mesmo personagem, pense em sortear os diversos nomes de personagens no dia em que forem começar a ler o livro.



CULINÁRIA DE ONTEM E DE HOJE ::

No livro *Quissama – Território inimigo* existem várias referências a comidas típicas da época do Brasil imperial: na página 58, temos: “Havia pão à vontade, um bom vinho rural, frango guisado e carne assada em fogo de chão”. Na 121, o autor se refere ao “cheiro do pão e do charque”, enquanto, na 148, menciona-se a terrível imolação de um burro de transporte para fins da alimentação de uma fa-

mília faminta. Já na página 287, aparece a referência a “um fiambre e uma faca sobre a mesa”.

Esses trechos dão ao leitor algumas breves noções sobre o que e como se comia no Brasil daqueles tempos: a carne fresca aparece como algo raro e propício a ocasiões especiais – o frango guisado e a carne assada, por exemplo –; as comidas do dia a dia eram simples e práticas – dentre elas, o pão, o fiambre e a carne de charque –; e, como última alternativa para uma situação de penúria, podia-se até mesmo matar um animal de transporte.

Os hábitos alimentares mudaram vertiginosamente em nosso país desde então. Nas últimas décadas do século passado, fomos nos tornando muito influenciados pelas cadeias de *fast food* e nos tornamos dependentes de alimentos ultraprocessados. Fazendo frente a isso, existe um movimento de revalorização da comida da época de nossos pais e avós: aquela de origem orgânica, preparada em casa, à moda antiga.

A proposta desta atividade é fazer com que os alunos possam criar, em uma rede social à escolha deles, um canal – ainda que temporário – sobre as formas de se alimentar no Brasil em outros tempos. Nele, devem estabelecer comparações a alimentação no passado e em nossos dias. Ao mesmo tempo, os alunos podem abordar – e até mesmo ensinar a preparar – pratos de antigamente e de agora que sejam parecidos, mostrando o que mudou em termos de ingredientes, de preparo, de quantidades.

Esta atividade tem um caráter multidisciplinar e o exercício transmidiático proposto condensa várias etapas. A primeira é estimular uma pesquisa bibliográfica e multimidiática que dê subsídios para algumas postagens, vídeos, *podcasts* – conforme a escolha da turma.

O ponto de partida pode ser a comida no Brasil do século XIX e para isso, você encontrará, nas referências bibliográficas deste material algumas sugestões de leitura que poderão ser usados para pesquisa. Em termos de trabalho com a linguagem, os alunos terão três frentes principais: a) a de pesquisa e leitura; b) a de elaboração dos conteúdos específicos para a mídia ou rede social com a qual irão trabalhar, adequando-se ao formato que esta exige; c) e a que concerne ao desenvolvimento de estratégias de interação com leitores, espectadores e usuários. Trata-se, portanto, de uma atividade que se desdobrará no decorrer de alguns meses e pode até mesmo se tornar um veículo permanente de expressão da turma sobre os assuntos abordados, dependendo do nível de envolvimento dos alunos.

A avaliação desta atividade é permanente: você deverá acompanhar as diversas etapas e a participação dos pequenos grupos envolvidos. Para um desfecho da série de trabalhos e tarefas envolvidos, você pode criar com seus alunos um dia em que testarão e degustarão na escola algumas das receitas típicas do século XIX, a serem preparadas por eles próprios.



RACISMO E OS USOS DA LÍNGUA ::

Leia os trechos a seguir, retirados do livro *Quissama – Território inimigo*:

Apesar de bem vestido, o Alemão gostava de se misturar à pior canalha. Costumava conduzir os escravos pela mão, como se fossem crianças, sem medo de ser censurado ou ridicularizado. O local estava cheio de marinheiros noruegueses que zombavam a valer. Às gargalhadas, perguntaram se o Alemão poderia fazer um número com o chimpanzé que o acompanhava. (p. 23)

Macaquitos, por seu turno, era como os paraguaios se referiam aos soldados do exército brasileiro, constituído em boa parte por negros, pardos e mulatos. Em publicações paraguaias como o Cabichuí, criadas especialmente para circular entre as tropas de López, D. Pedro II era chamado de Chefão Macacão, enquanto o Marquês de Caxias recebia a alcunha de Chefão Macaquíssimo. Também estava escrito que um bombardeio brasileiro, se ocorresse durante o dia, devia ser chamado de “macacada”. Se ocorresse à noite, de “macaquite”. O curioso é que esses tratamentos preconceituosos em relação aos brasileiros também foram adotados pelos aliados argentinos. (p. 351)

No primeiro excerto, crianças negras são ridicularizadas e comparadas a chimpanzés; no segundo, os brasileiros são considerados macacos pelos paraguaios e pelos argentinos. Essas atribuições preconceituosas e criminosas continuam até nossos dias, tanto de estrangeiros para com brasileiros, quanto de brasileiros entre si.

O objetivo desta atividade é permitir que os estudantes localizem e analisem possíveis discursos de racismo presentes em práticas de linguagem da cultura local (o que pode ser tanto em nível da comunidade escolar – o *bullying*, por exemplo – quanto da cidade ou do estado em que residem).

A associação entre negros e macacos beneficiou a escravidão: um dos primeiros passos de um violentador ao tentar justificar seu ato é desumanizar a vítima. Isso também se aplica a outros grupos, etnias, gêneros: indígenas, judeus, ciganos, árabes, muçulmanos e transgêneros também compõem o vasto rol dos que sofrem historicamente com injustiças e violências.

Com base nisso, proponha a leitura dos seguintes textos:

- “Torcedor que chamou brasileiro de ‘macaco’ recebe suspensão de três anos de estádios italianos”. Disponível em: <https://tinyurl.com/5n8sanau>

- “Naturalizado russo, goleiro brasileiro é chamado de macaco por torcedores”. Disponível em: <https://tinyurl.com/hw3v5s4c>.
- “Racing avisa torcida para não chamar brasileiros de macacos”. Disponível em: tinyurl.com/425cc657.

Depois de propor as leituras e realizar uma discussão coletiva sobre a pertinência do tema, peça aos alunos que conversem em pequenos grupos sobre quais são os termos pejorativos que fazem parte do dia a dia escolar, comunitário, municipal etc., conforme a angulação escolhida.

Parta também de outras referências da obra *Quissama – Território inimigo*, caso queira, e aproveite para explorar com os estudantes outros tipos de preconceitos que são expressos pelos personagens.

A finalização da atividade se dará a partir de um texto individual com abordagem crítica sobre o tema. Os alunos o entregarão em uma data previamente combinada. Você pode escolher algum texto ou trecho da obra *Racismo estrutural*, de Silvio Almeida, para contribuir com a atividade.



MULHERES INVISÍVEIS ::

As vivandeiras foram mulheres essenciais para que os homens em guerra pudessem obter suprimentos, atenção, cuidados e afeto. Entretanto, são figuras que caíram na invisibilidade social, política, econômica e historiográfica.

Pensando nisso, esta atividade tem por finalidade pensar o lugar das mulheres em uma sociedade democrática,

considerando tanto os Direitos Humanos quanto a sustentação de posições a favor da liberdade de expressão e da igualdade de gêneros. Você também poderá oferecer aos alunos, como subsídio literário e filosófico, a crônica “Se ele tivesse nascido mulher”, de Eduardo Galeano, que consta no livro *As caras e as máscaras*.

Proponha um momento de reflexão a respeito da condição da mulher em nossa sociedade. Para começar, pergunte por que a irmã de Benjamin Franklin se casou com um seleiro pobre. Também indague o objetivo de o autor ter comparado Jane com o irmão famoso. Aproveite e traga o questionamento para nossos dias: na sociedade em que vivemos, será que todas as vidas importam igualmente? O que haveria em comum entre Jane e as vivandeiras? Por que essas mulheres não permaneceram nos livros de história? Que trabalhos elas executavam e qual a valorização que suas tarefas obtinham perante as atividades atribuídas aos homens?

A atividade pode ser encerrada com a proposta de uma escrita sobre mulheres que necessitam ser lembradas pela história e, a partir delas, os alunos podem escolher determinadas figuras que ficaram obscurecidas, propondo-se a levantar dados, biografias e imagens sobre elas.



PESQUISA ETNOGRÁFICA ::

A etnografia acabou por ser empregada pela antropologia como um método de coleta de dados.

Para essa atividade, os estudantes, divididos em grupo, elegerão um grupo social como recorte analítico e executarão um trabalho de campo. O objetivo é compreender os

significados culturais produzidos por determinada comunidade. Uma sugestão é trabalharem com familiares ou pessoas do bairro, ou, se possível, com alguma comunidade específica (um quilombo, uma aldeia indígena etc.).

Para estimular a atividade, peça que releiam o capítulo Diálogo com Bernardina, extraíndo termos e expressões linguísticas empregados na época em que se passa a história (exemplos: ilê, vosmecê, “mula”, ebós, os nomes de alguns orixás – Ogum, Obaluaiê, Iansã, Xangô, além de Orun – o céu – e Ayie – o mundo físico –, “torcendo os bofes”, sinhá). Também peça para salientarem objetos típicos mencionados no texto (como gamela, patuá, etc.).

É importante salientar que os alunos deverão estar em contato com as pessoas da comunidade escolhida. Não será suficiente apenas enviarem um questionário por e-mail ou rede social e esperar a devolução. O que caracteriza o trabalho em etnografia é a presença do pesquisador junto às pessoas que compõem o tema de estudo.

O objetivo principal da atividade é analisar variações linguísticas, bem como as práticas sociais e culturais informadas pelos pesquisados durante as entrevistas. Antes de procederem com as entrevistas propriamente ditas, realize uma breve explicação sobre esse tipo de pesquisa e quais cuidados éticos devem ser seguidos, por exemplo. Como sugestão, abaixo estão algumas perguntas que podem ser usadas nos questionários:

1. Quais são os alimentos mais comuns em sua casa? Existem receitas típicas? Poderia me explicar um pouco sobre elas?
2. Vocês possuem alguma festa ou comemoração típica da comunidade? Poderia descrevê-la?
3. Quais são os ditados populares que você já escutou em sua comunidade?

4. Você poderia nos dar um exemplo das práticas religiosas em sua casa?
5. Que medicamentos caseiros você já viu sendo empregados em casa? Em que situações eles são usados?

Após concluírem o trabalho de campo, os alunos deverão apresentar os dados em sala de aula em dia previamente combinado. Aproveite para reforçar os aspectos culturais que estão presentes nas variações linguísticas que venham a ser detectadas por eles. Também explique a importância de pesquisas como essa em diversos campos profissionais: assistência social, psicologia, comunicação, sociologia e antropologia.



OS SAPATOS E O EMPODERAMENTO ::

Leia com seus alunos os trechos a seguir:

É provável que os futuros leitores, se é que estas memórias um dia encontrarão quem as leia, não compreendam o sentido das minhas palavras. É que os escravos não tinham permissão de usar sapatos. Quando um negro conseguia a alforria, fosse pela vontade do seu senhor, fosse por economias acumuladas ao longo de décadas de trabalho incessante, uma das primeiras coisas que fazia era comprar os calçados que serviriam de símbolos para a sua liberdade. Alguns possuíam os pés tão achatados pelas agruras da vida em cativeiro que jamais conseguiriam metê-los num par de sapatos. Como solução, emendavam os cadarços e penduravam os calçados no pescoço, pois assim podiam comunicar ao mundo que, afinal de contas, haviam vencido a escravidão. (p. 59)

- És escravo?
- Forro. Tenho a carta no meu bolso.
- E as botinas? Onde as roubaste?
- Ganhei de um amigo. (p. 109)

Como ficou evidente nos trechos, os sapatos eram um símbolo de liberdade para os escravos libertos. Ainda que não quisessem usá-los, os negros costumavam pendurá-los no pescoço para dizer que não mais eram escravos. Muitos usavam as poucas economias que tinham para comprar um par de sapatos, mesmo que não os colocassem de fato nos pés.

A partir dessa imagem carregada de conteúdo e valor simbólico e social, surgiu a expressão “pé rapado”, até hoje empregada para caracterizar pejorativamente os miseráveis e os despossuídos de bens.

Em seguida, mostre a eles a seguinte pintura de Van Gogh, que você pode facilmente encontrar pela internet:



O par de sapatos: natureza-morta, 1886, óleo sobre tela

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/O_par_de_sapatos_\(Vincent_van_Gogh\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_par_de_sapatos_(Vincent_van_Gogh))

A partir do quadro, proponha um tour virtual com sua turma pelo site artsandculture.google.com.

Após os passeios virtuais, retome os sapatos dos escravos libertos e os de Van Gogh para que, a partir dessa ideia geradora, os alunos apresentem determinados símbolos de identidade para eles próprios ou para os grupos aos quais pertençam: podem ser bonés, pulseiras, tênis, tatuagens, cortes de cabelo, turbantes etc. Deixe que eles expliquem o que aqueles adereços, maquiagens e roupas significam em termos de representação de ideias e ideais, de maneiras de se situarem no mundo e de reivindicarem direitos.

Finalize a atividade pedindo que os alunos também promovam uma breve exposição on-line (pode ser em alguma rede social escolhida por eles), nas quais coloquem fotos de signos identitários que cada um usa no dia a dia. Eles podem se fotografar usando esses elementos, por exemplo.



Sugestões complementares e referências bibliográficas

Documentários

Guerras do Brasil.doc. Direção: Luiz Bolognesi. 1 Temporada. Brasil, 2018. Classificação indicativa: 12 anos.

Pierre Fatumbi Verger: mensageiro entre dois mundos. Direção: Lula Buarque de Hollanda. Brasil, 1998. 82 min. Classificação indicativa: Livre. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tl-bomZeH_p4. Acesso em: 11 nov. 2022.

Livros

ABREU, Plácido de. **Os capoeiras.** Rio de Janeiro: Tipografia Part., 1886.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

CAWTHORNE, Nigel. **Uma nova história da Guerra do Paraguai** – Solano López e a imperatriz da América do Sul. São Paulo: M. Books, 2015.

LIMA, Luiz Octavio de. **A guerra do Paraguai**. São Paulo: Editora Planeta, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A Batalha do Avaí**. A beleza da barbárie: a Guerra do Paraguai pintada por Pedro Américo. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.